

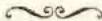
*Não é a erva daninha
Que mata o grão promissor,
Mas a triste negligência
Que mora no lavrador.*

CASIMIRO CUNHA

*

*A enxada por muitos anos viveu feliz, honrada
pelos trabalhadores que a manejavam, mas sentiu-se
cansada e aposentou-se num canto; surpreendeu-a,
então, a ferrugem, que a devorou em poucos meses.*

MARIANO JOSE' PEREIRA DA FONSECA



33

Da intolerância

O FERREIRO INTRANSIGENTE

Comentávamos o problema da compaixão, quando se abeirou de nós antigo orientador e narrou, bem humorado:

— Conheci um caso interessante na Idade Média. Em pequenina aldeia do Velho Mundo, que os séculos já transformaram, jovem ferreiro apaixonou-se pelo rigor da justiça. Integrando certa facção política, considerava todas as pessoas que lhe não esposassem os pontos de vista por inimigos a combater. Atribulário e sectarista, imaginava os mais difíceis processos de perseguição aos adversários. A tolerância representava para ele grave delito. Se alguém não rezasse por sua cartilha, ficava assinalado a ponto escuro. Disposto a contendas, embora a posição humilde que desfrutava sabia complicar a situação dos desafetos, urdindo intrigas e ciladas contra eles. Assim é que, certa feita, procurou o juiz que regia a comunha com benevolência e equidade e propôs-lhe a reconstrução do cárcere. A enxovia desmoronava-se. Qualquer mal-

feitor provocava facilmente a evasão. As grades frágeis cediam ao assalto de qualquer um. Impossível o trabalho da detenção. Era necessário sustar o insulto à polícia. Oferecia-se, desse modo, para sanar o problema. Daria novo aspecto ao cubículo. Prisão que fosse prisão.

O magistrado, velho experiente e bondoso, observou:

— Meu filho, a justiça deve ser exercida com amor para que se não converta em crueldade, porque lá vem um dia em que precisamos ser justiçados por nossa vez.

O moço, porém, insistiu. A cadeia menosprezada não merecia respeito.

Tanto reclamou que atingiu o objetivo a que se propunha.

Recebendo a concessão para reformar o cárcere, esmerou-se quanto pôde. Deu nova feição às grades. Criou um sistema de cadeados, pelo qual era impossível a escapatória. E no centro do acanhado recinto levantou pesada coluna de ferro, com algemas laboriosamente trabalhadas, impedindo a movimentação de quem fosse jungido a semelhante pelourinho.

A ideia foi bem sucedida. O serviço revelou-se tão eficiente que o jovem artífice foi procurado por autoridades de outros recantos e larga prosperidade abriu-lhe as portas. A novidade ofereceu-lhe fama e fortuna.

Durante vinte anos, coadjuvado por operários diversos, o nosso ambicioso amigo fabricou prisões para numerosas cidades do seu tempo. Senhor de vasto patrimônio material, transferiu residência do vilarejo provinciano para grande metrópole e, certa noite, supondo defender-se, cometeu leve falta que inimigos gratuitos se incumbiram de solenizar.

O antigo ferreiro foi preso, de imediato. Internado, mentalizou a ajuda de companheiros que o auxiliassem na fuga, mas, assombrado, reconheceu, pela marca dos ferros, que fora trancafiado num cárcere de sua própria fabricação, sofrendo rigorosa pena que, começando por acabrunhá-lo, acabou por infligir-lhe a morte.

Terminada a história rápida, fixou-nos de maneira expressiva e rematou:

— Sómente a compaixão pode salvar-nos, erguendo-nos do abismo de nossas próprias faltas. Qualquer punição extremada que receitarmos para os outros será como a prisão do ferreiro intratigente. Os laços que armarmos contra o próximo serão inevitável flagelo para nós mesmos.

Logo após, sem dar-nos tempo para qualquer indagação, sorriu com serenidade e seguiu adiante.

NEIO LÚCIO

*
*Não zombes do irmão que sofre
Amargurado e ferido;
Entre as sombras do amanhã,
Teu dia é desconhecido.*

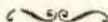
CASIMIRO CUNHA

*
*O homem sómente é forte,
Para a lavoura do bem,
Quando por si reconhece
Toda a fraqueza que tem.*

ARTUR CANDAL

Não é o amigo que marcha em paz, na senda do bem, quem solicita seu cuidado insistente. E' aquele que se perdeu no cipóal da discórdia e da incompreensão, sem forças para tornar ao caminho reto.

ANDRÉ LUIZ



Do dinheiro

TELEFONEMA INESPERADO

Laurindo Matoso sentia-se no auge da exaltação doutrinária.

Iniciava os comentários de uma trintena de noites, que seriam consagrados a estudos sobre o dinheiro à face do Cristianismo, e exprimia-se severo.

Lembrava a história dos grandes sovinas, relacionava os desastres morais surgidos da finança inconveniente.

— O ouro, meus irmãos — pontificava, solene —, é o pai de quase todas as calamidades da Terra. Abre a vala da prostituição, gera a delinquência, incentiva a loucura e corrompe o caráter... Onde apareça a miséria, procurai, por perto, a fortuna. E' preciso temer a posse e extinguir a avareza. O dinheiro destrói o amor e a felicidade, o dinheiro enche cadeias e manicômios...

A assembleia escutava, escutava... Entretanto, o exame do assunto permitia o debate fraternal, e, porque muitos companheiros de